



Ramiro Délio Borges de Meneses

Instituto Universitário de Ciências da Saúde, Gandra, Portugal
E-mail: borges272@gmail.com

Os Significados da Saúde: da audição à recitação / *The Meanings of Health: From Hearing to Recitation*

Abstract

Right now I am seeking a new Health's definition in spite of we have been known the different definitions, that the OMS setp by srep had going to offer to thev philosophical reflection. There are so many defintions, but they have got not completely focused to somewere sense of health.

Key words: Health, desease, phaenomenology, audition, decision, and recitation.

INTRODUÇÃO

A saúde e a doença nascem da vida como Gadamer repete várias vezes ao longo da sua obra. Assim, a “qualidade de vida” será sinónimo de “saúde”, mas o seu antónimo determinar-se-á como “doença”.

Como se comprova pelas ciências biomédicas, e múltiplas vezes afirmado por Gadamer, na sua obra sobre a saúde, os progressos tecnológicos são para dar “qualidade de vida” e não para manter o “mistério”.

A doença existe porque existe a saúde, muito embora ontologicamente esta seja primeiro. Muitas vezes, segundo a genética clínica, a doença vem primeiro (mal-formações congénitas).

Um dos pontos, afirmado pelo filósofo Gadamer e com razões que falaremos, quando tratarmos das relações entre Saúde e Medicina, refere aquilo que o médico “produz”, não sendo uma obra (*érgon*), como algo de novo no seu ser, mas algo que demonstra a sua capacidade. O médico não cura, quando muito “ajuda a curar”.¹

1 Cf. GADAMER. H.-G., *O mistério da saúde, o cuidado da Saúde e a Arte da Medicina*, tradução do alemão, Lisboa. Edições 70. 1997, 10-12.

A nossa preocupação será analisar e criticar o sentido da saúde e da arte de curar, segundo as perspectivas clássicas, desde Alcmeón de Crotona (pitagórico), passando pela *eúcrasia* hipocrática e platónica, até à noção já clássica da O.M.S., sobre os “bem-estares” e referir a concepção iatrológica de Gadamer, para finalmente passar à noção de “saúde” como “dom” (*Gabe*) e como “contra-dom” (*Aufgabe*) ou “tarefa” da medicina e do médico. Na certeza que a concepção oferecida pela medicina é de que a saúde se apresenta como “segredo” ou “recolhimento” (*Verborgenheit*), porque ser “mistério” pertence à vida.²

SAÚDE COMO EQUILÍBRIO E HARMONIA

Gadamer, ao longo desta obra sobre a *Gesundheit*, fala de Alcmeón de Crotona cerca de umas dez vezes. Contudo, em todas elas, fala das posições que o pré-socrático (médico e filósofo) e precursor da medicina hipocrática salienta sobre a “morte” e as suas relações com a saúde, o médico e a medicina.

Porém, aquilo pelo que Alcmeón de Crotona ficou mais célebre foi, precisamente, por apresentar a primeira definição sobre “saúde”, no século IV, antes de Cristo. Na sua obra, Gadamer não refere este marco fundamental da medicina pré-hipocrática.

Segundo Alcmeón de Crotona, a “saúde” (*hygienós*) é uma – *isonomía tōn dynamēōn* – como repartição por igual das forças ou potências dos diferentes humores: bilis, atrabilis, sangue, etc. A “*isonomía*” das forças da natureza determina a saúde. Porém, havendo a supremacia de uma delas, logo surge a doença. Sempre que um humor se subleva, então temos uma patologia. Aqui aparece o primeiro mecanismo explicativo para a saúde e para a doença, que infelizmente foi, de forma errónea, criticado por Aristóteles, representando um retrocesso na medicina grega. Contudo, a Escola Médica de Cós, virada para o prognóstico, desenvolveu as teses de Alcmeón.³

Todo o *Corpus Hippocraticum* se faz eco desta definição de “saúde”, que se apresenta mais relevante e fundamental, em Medicina, do que as concepções que Gadamer refere e analisa sobre a “morte”, proferidas pelo médico e filósofo pitagórico. Gadamer esqueceu-se de referir esta definição, única e primeira da civilização grega, sobre a saúde. Foi a partir desta que se tomaram possíveis as de *eúcrasia* e *eúrroia*.

Contudo, maior erro vamos encontrar, na obra de Gadamer, – *Ueber der Verborgenheit der Gesundheit* –, ao interpretar o conceito de “*isonomía*” (equilíbrio), como desempenhando alto significado nos escritos hipocráticos, no sentido de equilíbrio da natureza. Só que este conceito de “saúde” pertence aos papiros de Alcmeón de Crotona e não aos escritos da Escola de Cós pelo elenco do *Corpus Hippocraticum*.

O conceito clínico, aplicado à saúde, de *eúcrasia* vem de Platão e passou directamente para os escritos quer genuínos, quer apócrifos da Escola Médica de Cós, ao

2 Cf. ENTRALGO, P. L., *Ser e conduta del Hombre*, Madrid, Alianza, 1996, 25-40.

3 Cf. ENTRALGO, P. L., *La Medicina hipocrática*, Madrid, Alianza, 1987, 65-76.

definirem, como Platão, a “saúde” pela *eúcrasia* (harmonia). Gadamer, de forma imprecisa, salienta que o conceito de *isonomía* desempenhava um papel significativo segundo Platão.⁴

Alcméon de Crotona foi o primeiro a distinguir entre pensamento e sensação, localizando o cérebro como centro destas. Esta novidade, criticada por Aristóteles numa obra, onde o Filósofo se dedica a analisar, negativamente, o pensamento de Alcméon, aufere que a “saúde” é fruto da acção dos quatro elementos de Empédocles de Agrigento pelas suas qualidades: seco, húmido, frio e quente. Esta teoria fiscalista foi usada por Hipócrates para explicar mecanismos patológicos e durou até ao Renascimento, quando se operou a grande revolução na medicina (começando como medicina moderna), desde a etiológica e sintomatológica até à medicina de evidência.⁵

Alcméon de Crotona é claro quando afirma que o sentido da saúde (*salus*) se mantém pelo equilíbrio das potências (*isonomía tōn dynamēōn*): o húmido, o frio, o quente, o amargo e o doce.

O predomínio (*monarkhía*) de uma delas é causa de doença. Pois, tal predomínio de uma das duas é danoso. A doença sobrevem, relativamente à causa, como consequência do excesso de calor ou de frio. As doenças podem surgir, também, por causas externas.⁶

Gadamer faz uma reflexão sobre a “saúde”, como – equilíbrio –, desconhecendo os textos de Alcméon. Não menos interessante porque vai numa linha fenomenológica por influência do pensamento do seu mestre M. Heidegger.

A saúde, segundo Alcméon de Crotona, consiste no bem proporcionado pela mistura das “qualidades”.

Segundo P. L. Entralgo, Alcméon de Crotona, pela sua definição de saúde (*hygiēnós*), foi o iniciador da medicina fisiológica.⁷

O sentido que Gadamer dá à saúde, como equilíbrio, não é o de Alcméon, muito outro, porque o filósofo de Heidelbergnem refere a clássica e célebre definição.

Influenciados ou não pela doutrina de Alcméon, os hipocráticos deram novos e decisivos passos no caminho aberto pelo médico e filósofo de Crotona. Alcméon foi o primeiro a referir o estado da “saúde” como recto equilíbrio (*isonomía*) das distintas potências, que dualmente se opõem entre si em cada natureza individual.

Segundo Gadamer, o conceito de “equilíbrio” já desempenhava um papel importante nos escritos hipocráticos. Esta asserção está incorrecta, porque o primeiro sentido não se desenvolveu no *Corpus Hippocraticum*. Todavia, é correcta a posição de Gadamer, não só a saúde do Homem convida à sua comparação com

4 Cf. GADAMER, H. G., “Griechische Philosophie”, II, in: *Gesammelte Werke*, Volume 6, Tuebingen, J. C. B. Mohr, 1985, 75-80.

5 Cf. HAESER, J., *Lehrbuch der Geschichte der Medizin*, Berlín, Springer-Verlag, 1875³, 36-45.

6 Cf. RUI PITA, J., *História da Farmácia*, Coimbra, Minerva, 1998, 46.

7 Cf. ENTRALGO, P. L., *História de la Medicina*, Barcelona, Salvat E., 1978, 16-20.

o estado natural de equilíbrio, como também o conceito de equilíbrio se presta, particularmente bem, ao entendimento da natureza. A *physis*, segundo a concepção grega, consiste em conceber o “todo” como uma ordem em que os processos naturais se repetem e decorrem dentro de ciclos fixos. Qualquer intervenção médica pode definir-se como tentativa para reinstaurar o equilíbrio alterado. Aqui está a obra da “arte” médica. O termo *eúcrasia* (a boa mistura), para explicar fisiologicamente o estado de saúde, será usado por Aristóteles, e depois por Galeno, não aparecendo no *Corpus Hippocraticum*.⁸

Mas, o conceito que este termo exprime é, de forma precisa, o que serve para entender a realidade interna da saúde em todos os escritos hipocráticos afectos à doutrina humoral.

Hipócrates ter-se-á limitado a conceber a saúde como *eúrroia*. O recto equilíbrio fisiológico na saúde exige que as distintas forças ou potências estejam bem equilibradas entre si, não havendo domínio de umas sobre outras (*kratéo*).

Segundo Hipócrates, a saúde é um estado vital *dikaiós* (justo) e a justiça (*diké*) é uma das notas que definem a sã condição da *physis*. Segundo o médico hipocrático, a doença é de algum modo *adikía* (injustiça).⁹

Gadamer faz uma reflexão fenomenológica sobre a saúde, como equilíbrio, não em sentido fisiológico.

Na recuperação do equilíbrio, a acção do médico alcança a perfeição através da “auto-exclusão”. É algo que se tem em conta desde o começo de todo o processo.

O grande horizonte, de toda a acção do médico, é determinado pela oscilação de uma determinada situação de equilíbrio, se se distinguir sempre, qualitativamente, da perda definitiva desse equilíbrio.

E a perturbação deste “equilíbrio” como é a doença apoia-se em factores imprevisíveis e presentes no que ainda resta do mesmo.

Em Platão, a saúde apresenta-se como harmonia. A arte de curar, segundo Platão, poderá comparar-se à “retórica”. Segundo o filósofo grego, o médico, como autêntico orador, deve ver a totalidade da natureza.¹⁰

SAÚDE COMO BEM-ESTAR

A mais célebre definição de Saúde foi apresentada, em 1946, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual se refere como completo bem-estar físico, psíquico e social, não sendo uma mera ausência de doença. Esta definição foi aperfeiçoada, mais tarde, da seguinte forma: *A saúde é um recurso para a vida diária e não um objectivo de vida, como conceito positivo, enfatizando recursos sociais*

8 Cf. MAU, J. et al., *Isonomia. Studien zur Gleichvorstellung im griechischen Denken*, Berlin, Springer-Verlag, 1964, 15-25.

9 Cf. TAVARES DE SOUSA, A., *Curso de História de Medicina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, 59-65.

10 Cf. GADAMER. H.-G., “Griechische Philosophie”, III, in: *Gesammelte Werke*, Volume 7, 338.

e pessoais, tanto quanto as aptidões físicas (1984). Paralelamente a esta definição poderemos apresentar outras que partem desta. Mas referem novos predicados, surgindo como juízos sintéticos a *posteriori* e esclarecedores do sentido fenomenológico acerca da saúde, para a melhorar, decifrando a *salus*, a bem da Medicina, do doente e, também, do seu “pastor” (que é o médico).

Na obra de Gadamer, não há referência à clássica e generalizada definição de saúde da OMS, pronunciada em 1946. A mais aturada, conhecida e célebre definição de saúde foi aceite, por unanimidade, pela comunidade médica internacional e em Saúde Pública.

Gadamer fala, por duas vezes, na sua obra, em “saúde” como “bem-estar”, de forma genérica, sem explicitar, sem criticar e sem aprofundar a noção da OMS como marco da saúde pública a nível planetário.

A única reflexão de Gadamer, que mais se aproxima da indicada pela OMS, é quando se refere à saúde como algo que não é feito pelo médico mas pela “natureza”. Segundo o filósofo, a saúde não é um “facto social”. Pelo contrário, é muito mais um facto psicológico-moral, do que um facto demonstrável pelas ciências naturais. Segundo o Filósofo, o “factor curativo” pertence a uma dimensão diferente da acção físicoquímica dos medicamentos (farmacologia) sobre o organismo ou de uma qualquer intervenção cirúrgica. A definição de Gadamer é incompleta, bem como a da OMS. Mas, Gadamer dá-nos uma definição antropológica de saúde. Uma e outra possuem aspectos criticáveis. A definição de Gadamer é restritiva. Mas, a saúde apresenta-se como condição antropológica, tal como a doença. Primeiro, não se pode dizer que a “saúde” não é um facto social. Também é. Se assim não fosse, não existiriam a Medicina Comunitária e a Saúde Pública, as quais, *per essentiam*, possuem uma componente social. Daqui se aúfere que a saúde se poderá declarar como estado de uma comunidade ou população, onde estão asseguradas as melhores condições de desenvolvimento pessoal e colectivo pelo eficiente controlo ou prevenção das doenças. Segundo a epidemiologia clínica, a saúde pública e comunitária é indispensável.¹¹

Para rebater a definição de Gadamer, que não considera a saúde como algo de *socialis*, poderíamos declarar outra definição, elaborada por eminentes clínicos a nível mundial. Esta apresenta-se como estado caracterizado pela integridade anatómica, fisiológica e psicológica, segundo a capacidade para desempenhar pessoalmente funções familiares, profissionais e sociais, caracterizando-se pela habilidade para tratar tensões físicas, biológicas, psicológicas e sociais, com sentimento de “bem-estar” livre de risco de doença ou morte extemporânea.

A saúde é um recurso para a vida diária e apresenta-se como objectivo da vida. Trata-se, pois, de um conceito positivo e concreto, enfatizando recursos sociais e pessoais, tanto quanto as aptidões físicas (OMS, 1984).

11 Cf. REY, L., *Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde*, Rio de Janeiro. E. Guanabara, 1999, 687-688.

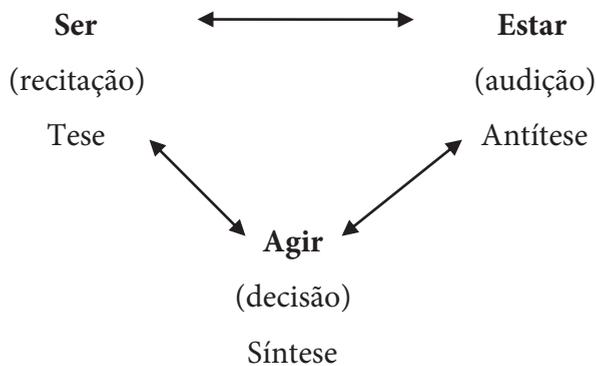
Contudo, Gadamer tem razão, num aspecto, ao referenciar a saúde como facto psicológico-moral, como característica que falta à definição da OMS. Igualmente, segundo esta (1946), a saúde apresenta-se como estado de adequado ou proporcionado *bem-estar físico, mental e social* e não apenas como ausência de doença ou de enfermidade.¹²

De facto, para ficar completa, a definição da OMS (1946) teria de incluir o elemento ético, o chamado *bem-estar moral*, que é indispensável para, numa ética teleológica, se inferir como *felicitas*. Poderemos dizer que ser saudável é ser-se feliz e isto vem de encontro ao que referiu Boécio no *De Consolatione Philosophiae: congregatio omnium bonorum ad finem*. Foram as características aretológicas que ficaram de fora da clássica definição da OMS (1946).

A saúde necessita da ética e a ética necessita da saúde. Quer uma quer outra se expressam em mundividências complementares, havendo, entre ambas, uma reciprocidade e continuidade no ser e no agir. Resumindo o sentido da crítica a Gadamer e à definição da OMS (1946), salientamos, como descrição dialéctica, que a saúde é uma afirmação do “bem-ser”, do “bem-estar” e do “bem-agir”.

Segundo a filosofia da linguagem, a saúde é uma realidade “nominativa”. Tem um nome e um rosto, enquanto que a doença, seu antónimo, é “apelativa” ou “genitiva”, apresentando-se em desfigurações genotípicas e fenotípicas.

A saúde existirá sem a Medicina. Mas a “arte de curar” necessita da existência destes três momentos dialécticos:



O “bem-ser” (ao referir-se à ausência de doença) é o estado anatómico, fisiológico e bioquímico do indivíduo. O “bem-estar” implica relações noéticas e dianoéticas, desde os variados aspectos psicológicos até aos éticos. E o “bem-agir”, como síntese, será a natureza (sistema imunológico) que com a ajuda do médico, entre o saudável e o curável, desde a anamnese, passando pelo diagnóstico, seguirá até à terapêutica, constituindo a ciência e a arte. Aqui está a decisão clínica na saúde

12 Cf. BORGES DE MENESES, R. D., “Ego Sanator tuus”, in: *Enfermagem Oncológica*, 10, Porto (1999), 48-55.

qualquer que ela seja. Apesar dos aspectos fisiopatológicos e físicos, orientadores da doença ou da saúde, os médicos deverão ter em conta os elementos noéticos e dianoéticos bem como os ecológicos. A saúde implica uma audição bem como uma recitação e uma decisão.¹³

Assim, a saúde (*health*) é uma condição ou condições em que todas as funções do corpo e da mente estão normalmente activas. Logo, a OMS (Nações Unidas) definiu-a como condição de “bem estar físico, mental e/ou social, completo” e não era a mera ausência de patologias. Esta definição tem pouca utilidade na avaliação do indivíduo (doente) e também quando pretendemos definir quem determina o “bem-estar”, se o profissional ou se a natureza do indivíduo-doente. Muitas pessoas evidenciam um estado de “bem-estar”, muito embora possam ser classificadas não saudáveis. Como bem referiu Gadamer, aqui está a diferença entre ser saudável e ser curável. Assim, a “arte de curar” pode não curar e o exemplo está em algumas doenças.

Infelizmente, o livro de Alcmeón de Crotona – *Peri tés physikés* – perdeu-se e poucos fragmentos se conhecem da sua obra. Para Alcmeón., a “vida” é um movimento (*kinésis*) subordinado à acção do sangue, dentro dos vasos que é “constante”. A cura é considerada como restabelecimento da *isonomia* ou do equilíbrio entre qualidades opostas.¹⁴ Gadamer, também, considerou a saúde como restabelecimento do equilíbrio, embora desconhecendo o pensamento de Alcmeón de Crotona.

SAÚDE COMO DOM E CONTRA-DOM

Gadamer refere, várias vezes, que a saúde implica uma *Aufgabe* (tarefa), tal como se analisa nas relações entre saúde, médicos e medicina. O filósofo não considerou a *Gesundheit als Gabe*, simplesmente refere-a como *Wunder* porque a saúde é algo de “natural”, não constituída pelo médico. Gadamer, ao definir saúde como *Aufgabe*, salienta o enigma da saúde que representa apenas um pequeno recorte de todas as tarefas (*Aufgabe*) que temos pela frente. A saúde reside em estabelecer um equilíbrio (*Gleichgewicht*) entre o “poder-fazer” e a “responsabilidade” na vontade e na acção do médico e da medicina.

A saúde não se poderá considerar como *Wunder* (milagre). Nem mesmo como *Geheimnis* (mistério). Quando muito, e tal como já vimos ao longo deste século, a saúde (*Gesundheit*) será, na ordem ontológica e teológica, *Verborgenheit* (segredo ou recolhimento), estando mais de acordo com o título do texto de Gadamer: *Ueber die Verborgenheit der Gesundheit*.¹⁵ Em nenhuma página desta obra, Gadamer apresenta *Gesundheit* como *Gabe* (dom). Segundo Gadamer, a característica da “arte de curar” vê a sua *Aufgabe* mais como restabelecimento de algo natural (saúde), do que como arte de produzir algo artificial. A grande *Aufgabe* na saúde

13 BEAUCHAMP, P., *Le récit, la lettre et le corps*, Essais bibliques, Paris, Seuil, 1982, 26-29.

14 Cf. MAU, J. et al., *Isonomia. Studien zur Gleichvorstellung im griechischen Denken*, 27-30.

15 Cf. GADAMER, H.-G., *Über die Verborgenheit der Gesundheit; Aufsätze und Uebertraeger*, Frankfurt-am-Main, Suburkamp-Verlag, 1993, 45-67.

será a arte de curar, que é um “poder-fazer” e não uma criação ou originalidade do médico.

Faltou a Gadamer uma reflexão teológica sobre a saúde. Alcançou a *Gesundheit* como *Verborgenheit* do *Da-sein*, bem como a reflexão fenomenológica sobre esta necessidade dos seres viventes.

A vida poderá ser um mistério (*Geheimnis*), sendo a “saúde” a “gratuidade” da vida, que na ordem filosófica surge como substrato. Para haver saúde ou doença terá que existir, fisiológica e ontologicamente, a vida. Poderíamos enunciar o seguinte axioma: *primum vivere, deinceps salus*. A importância da saúde é tal que só a consideramos quando estamos doentes e, só assim, damos valor e significado a esta, tal como referiu o pensador de Heidelberg.

A saúde (*salus*) é o grande “dom” que a vida nos oferece. Esta é a “gratuidade natural” da vida. E sempre algo da *physis*.

A audição em Saúde tem um *tópos* próprio, que tem actualização como afirmação (tese) na *anamnése*. A audição é um acontecimento, segundo a Teologia Narrativa, vivido no encontro clínico de um doente com o médico, o qual tem um – *elenchós* – (argumento), que se revela e vem da “palavra” ou das palavras. Mas, a “palavra-acontecimento”, segundo a Teologia, está implicada na “audição”. Em Saúde surge uma audição fiduciária por causa do *eventum clinicum*. Sem a *anamnése* (argumento clínico) e sem o encontro da palavra numa relação pessoal será impossível a afirmação e a vida da *audição*. Em saúde, somos todos ouvintes da palavra.

A audição exige uma – *oikia* – (casa) onde a palavra se faça “ouvir”. A audição clínica habita na “casa da palavra” e *naturaliter* encontra-se na vida do *lógos* e do *éthos*.

Pela saúde e pela doença, a audição vive *ad limina verbi*, como sua condição e, assim, é uma morada (*oikia*) da conduta humana (*éthos*), a qual tem “ouvintes da palavra” (*anamnése*) e se realiza num *lógos* vivente. Assim, em Teologia esta “audição” chama-se “fé” (*pístis*), tal como se declara nos textos paulinos (Rom 10, 17). A fé vem da pregação e a pregação vem da Palavra de Deus (Jesus Cristo). Mas, em filosofia, chamar-se-á “crença”. Na audição da saúde e da doença, estes dois dons estão presentes. O primeiro passo para a recitação e para a decisão surge da “audição”.¹⁶

A saúde surge, teologicamente, como uma “recitação”, mas esta inicia-se na “audição” (semiologia). E esta faz-se desde “a casa de curar” (medicina) ou desde a suficiente experiência do “sentido da terapia” (serviço). Porém, a “recitação” faz-se para a “decisão”.

Na ordem fisiológica, a saúde é também uma “recitação” (semiótica) que leva à decisão (terapêutica). O ser curado, que é diferente do ser saudável, faz-se pelo

16 Cf. AA. VV., *Ancien Testament*, tradução ecuménica da Bíblia, Le Livre du Siracide (38, 1-3), Paris, É du Cerf, 1980, 2182.

“diagnóstico”. O ser saudável implica toda a recitação e toda a decisão, tal como vimos pelos sentidos da saúde dados fenomenologicamente.

A saúde surge como uma imensa dádiva (*Gabe*), que o Homem recebe em estado agraciado de “recitação”, como se referem nos versículos de Ben-Sirá, reclamando a *re-pondere* que exige a saúde. Assim, a saúde é um dom (*Gabe*) e uma tarefa (*Aufgabe*) ou “contra-dom”. A saúde, desde a fisiologia à teologia, é uma realidade “dual” e não “una”, como pensava S. Tomás de Aquino segundo o *De Principiis Naturae*.¹⁷ Teologicamente, a saúde apresenta-se como “recitação” e esta comporta dois sentidos: um cenário é alisado como passado, representado na vivência da recuperação e reposição da história natural e da *instauratio ad integrum physiologiae*. Outro será o facto que se separa do narrador (doente) ao narratário (médico).

A recitação institui e cria para aquele que anuncia presente e futuro. A saúde é presente e é futuro, porque implica a redenção da pessoa doente, pela sabedoria e pela ciência. A saúde estará sempre entre a “recitação” e a “decisão”. O restabelecimento da natureza doente implica esta dualidade. A recitação tem por função, precisamente, fundar a acção do homem-doente. A recitação é passiva e activa, dado que a saúde também o é, verificando-se pelo “bem-estar”, sob todas as suas formas, na tradução da definição da OMS.

A recitação não se faz senão para a decisão. Recitar o passado é fazer a decisão. Grande é a recitação da saúde. Mas, maior será a responsabilidade que desencadeia: conservar, manter e guardar. Esta apresenta-se para além da fisiologia, da fenomenologia e da teologia com direitos e deveres. Segundo a história das religiões, as civilizações e culturas clássicas tinham uma deusa para o “bem-estar”. Os gregos adoravam a *Hýgieia* e os latinos a *Salus*.

A SAÚDE COMO FENOMENOLOGIA

Segundo a semiologia, a saúde aparece como descrição, explicação e compreensão. As diferentes vias do conhecimento científico, propostas por P. L. Entralgo, implicam-se no conhecimento clínico. Não há uma definição de saúde, existem sim muitas formas de a expressar, devido ao facto da medicina ser plural, apresentando-se como “arte” e como “ciência”. Verificámos, pois, pelas definições que Gadamer apresenta sobre saúde, pelo menos três que se resumirão nos seguintes categoremias: facto psicológico-moral, equilíbrio e harmonia.

A saúde declara-se, não se define. Daqui, devemos dizer que a saúde, como a doença, são realidades fenomenológicas. A saúde é manifestação do equilíbrio, da harmonia e do bem-estar que “aparecem”.

A saúde enumera-se no sentido do “étimo”, porque será marcar limites, horizontes ou fins (*télos*).

Gadamer é preciso, neste aspecto, ao referir a saúde como fenomenologia clínica. Esta, como descrição do que aparece, do que surge ou do que “brilha”, *aufere-se*

¹⁷ Cf. AQUINO, S. TOMÁS DE, *Principios da Natureza*, introdução, tradução e comentários por Ramiro Délio Borges de Meneses, Coleção de Filosofia, Porto, Porto Editora, 2001, 46-51.

numa mundividência como método e como reflexão. Pelo método, vamos encontrá-la na semiologia e semiótica clínicas, pela recitação de sinais e sintomas, em ordem a uma decisão: diagnóstico ou terapêutica.

Gadamer é claro quando diz que a medicina não é, certamente, uma *physéos mimesis*. O que a arte de curar deve produzir é a *salus*, como algo que é natural *per se*.

A arte e a ciência da saúde, segundo o filósofo de Heidelberg, não são uma invenção e uma planificação de algo novo, mas antes uma espécie de “fazer” e de “conseguir” que nada faz como próprio.¹⁸

O saber e a capacidade do médico são “enumerativas” e “descritivas”, subordinando-se completamente ao decurso natural e restabelecendo o doente, quando este se sentir perturbado e, quanto possível, tornando-o saudável.

Uma das provas de que a saúde é “fenomenológica” encontra-se na medicina quer sintomatológica quer na profiláctica, que o nosso filósofo não considera. Porém, a medicina de evidência e a medicina etiológica são gnoseológicas.

A saúde é uma enumeração ou recitação do que vejo (sinais clínicos) e daquilo que ouço (queixas) para a recuperação ou restabelecimento. A saúde e a doença, segundo a medicina, implicam uma recitação em ordem a uma decisão.

A recitação vem da semiótica e a decisão da terapêutica. A actividade clínica é uma enumeração ou uma “narrativa” para o restabelecimento da saúde. Por isso trata-se de um “fenómeno”, porque é o estudo do que aparece: sinais, queixas, dores, anomalias adquiridas, etc. A fenomenologia procura discursar sobre a totalidade das aparências, como já dizia Platão: *o médico deve ver sobre a totalidade da natureza*. Por isso é que a medicina apresenta graus de diagnóstico (hipotético, diferencial, etiológico, etc.).

A saúde, como algo de natural que é, exprime uma realidade que se recita ou se enumera. O termo é a decisão. Quer uma quer outra fazem parte da fenomenologia clínica.

O semiologista Loeb referiu *qui bene diagnoscit, bene curat*. Se há um correcto diagnóstico (que significa o definitivo), então surgirá uma boa cura. Os elementos essenciais da arte de curar, segundo a Medicina, são o diagnóstico e a terapêutica. O conjunto dos dois, fenomenologicamente, referem a arte e a ciência. A ciência clínica advém pelo diagnóstico definitivo (etiológico) e a arte vem pela “semiologia”, até às últimas formas terapêuticas, para “tratar” uma doença. Gadamer diz que a arte da cura “deve” produzir a saúde como algo que é natural. Aqui se incluem as medicinas naturais.¹⁹

Mas, o nosso pensador diz que ser saudável não é estar curado. É necessário que o médico saiba que o conceito de saúde é universal (quanto à extensão do termo)

18 Cf. GADAMER, H.-G., *Verborgenheit der Gesundheit*, 25-36.

19 Cf. BORGES DE MENESES, R. D., “Diagnóstico, prognóstico e teste”, in: *Enfermagem Oncológica*, 1, Porto, 1992, 66-72.

e análogo (quanto à compreensão), dado que o termo saúde, como já vimos pela definição da OMS, é um conceito amplo, onde entra a cura, (terapêutica) e o serviço ou “diaconia”. Então, a “arte de curar” pode produzir a saúde, mas não o “*Pflicht der Gesundheit*”. O que Gadamer deveria dizer, e não o fez, nesta obra, é que a arte de curar tem licença para (*dürfen*) produzir a “saúde”.²⁰

Quando Leininger descreveu a saúde (*health*) como estado de bem-estar, culturalmente definido, avaliado e praticado e que reflecte a capacidade que os indivíduos ou grupos possuem para realizar “tarefas” diárias, de forma satisfatória, acabou por não definir, mas antes apresentar uma “recitação”.

A posição de Leininger é fenomenológica, tal como a do filósofo Gadamer. Este ao considerar a saúde (*salus*) mais como facto psicológico-moral do que facto demonstrável pelas ciências naturais. Além de se enquadrar como fenómeno lógico, está, também, dentro da orientação da saúde como noção antropológica, que implica ora o aspecto biológico ora o clínico.²¹

A SAÚDE ENTRE A MEDICINA E MÉDICO

A grande função do “poder-fazer” do médico, que não faz nem produz, está em contribuir para o restabelecimento do doente. A função do médico, que diz dominar uma doença, significa concluir a evolução natural (história natural da doença) e poder manejá-la, não sendo o “senhor da natureza” ao ponto de suprimir a doença. A arte, como a técnica, é evidente em cirurgia, não acontecendo tão directamente em Medicina Interna ou em Farmacologia.

Nas relações entre medicina e saúde, Gadamer tem razão quando afirma ser uma das características da “arte de curar”, olhar a sua tarefa mais como o restabelecimento de algo natural, do que como arte de produzir algo de “artificial”. O médico não realiza uma obra “concreta” como um literato ou como um pintor.

A saúde não é algo que seja feita pelo médico. Este é, puramente, um coadjuvante para o restabelecimento do doente. Parece que ao médico só lhe resta expor o doente ao anonimato da tecnologia clínica. A essência da arte de curar consiste em poder voltar a produzir o que já foi feito.

No saber e no fazer do médico entra em jogo a capacidade para modificar a situação, que é exclusivamente sua e denominada segundo a “arte de curar”. O médico não produz um *ergón*. A sua função é o restabelecimento da saúde.²²

Porém, Gadamer diz que o facto de a “arte médica” ter de contar sempre com a transformação do excesso em defeito ou melhor do defeito em excesso, e ao mesmo tempo antecipá-lo, parece ser um elemento essencial desta arte. Isto pode não ser verdade devido ao diagnóstico definitivo. A medicina, perante a saúde,

20 Cf. GADAMER, H.-G., “Griechische Philosophie”, III, in: *Gesammelte Werke*, VII, 418-420.

21 LEININGER, M., *Health Care Dimensions, transcultural health care issues and conditions*, Philadelphia, Davis Company, 1976, 76-80.

22 Cf. ROZMAN, C., *Compêndio de Medicina Interna*, tradução do inglês, Madrid, Harcourt Brace, 1997, 1-8.

procura o *in medio stat virtus*. O médico sabe, e também a “arte de curar”, que o equilíbrio, que se pretende, é “instável”. A medicina não pode preocupar-se com o equilíbrio perfeito (estável), porque ser “saudável” poderá significar não estar curado e vice-versa. A Medicina, nas relações com a saúde e com a doença, caracteriza-se pelo princípio: nem sempre, nem nunca. Há doentes e não há doenças! Cada caso é uma situação clínica.

Segundo Gadamer, ser médico é uma profissão “metafórica”, dado que a sua *Aufgabe* (tarefa) não é um *poíeuô*, mas a prestação de uma “ajuda”, que facilita ao doente o regresso à saúde. O médico nunca pode ter a ilusão de possuir o poder *secundum naturam*.

A ciência biomédica é a única que nada produz em absoluto segundo Gadamer. Mas, deve contar expressamente com a maravilhosa capacidade da vida se restabelecer. Ainda, segundo o mesmo filósofo, a *Aufgabe* (tarefa) de todos nós (que o médico ilustra com o seu poder) consiste em reconhecer que estamos situados entre a natureza e a arte e que somos seres naturais.

A medicina permite a *quality of life* e não está feita para impedir a morte, sobre a qual Gadamer fala, muitas vezes, ao longo do seu estudo. Segundo ele, ao aprender a aceitar o nosso destino, mais certo é a suprema tarefa do homem (contra-dom). Uma das grandes lições da Medicina está em aceitar o último limite chamado “morte”²³

Assim, o médico é apenas alguém que colabora em algo que a própria natureza leva a cabo. Uma máxima do médico e filósofo pré-socrático, Alcmeon de Crotona, reza assim: “os homens devem morrer, porque não aprenderam e não conseguiram reunir o fim ao princípio”. E remata Gadamer, não é que nos falte algo. Falta-nos tudo!...

A natureza aprendeu isso através de todos os seus combates contra as feridas e as doenças, sabendo voltar desde o fim da doença ao seu princípio. Alcmeon de Crotona refere que até a morte é um simples incorporar-se no ciclo da natureza. E o pitagórico tem presente o exemplo da auto-realização da natureza, quando define o destino mortal do indivíduo, como um não conseguir atingir o ciclo do regresso.²⁴

A arte de curar nunca impedirá a morte, poderá antes adiá-la. Esta arte incorpora-se e incorpora-nos na “morte”. A Medicina renova a nossa materialidade até ao limite. A esse limite a Medicina não escapa. Logo, a missão do médico é limitativa, sintomática ou paliativa.

Gadamer refere que “tratar” significa *palpare*, isto é, percorrer com a mão o corpo do doente, cuidadosa e eficazmente, para perceber tensões e crispações que possam confirmar ou corrigir a localização da doença. Mas, mais adiante, o filósofo retoma o termo germânico *Behandlung* (tratamento). Todo o tratamento, segundo

23 RUSSO, G., *Le Nuove Frontiere della Bioética Clínica*, Torino, E. di Ci, 1996, 5-20.

24 Cf. GADAMER, H.-G., *Hermeneutik – I*, Gesammelte Werke, I, 432-444.

Gadamer, começa com a “mão” (*hand*) que percorre e examina os tecidos e os órgãos. Na linguagem do paciente, atribui-se excessiva importância ao curar, quando se diz que se está em “tratamento”.

CONCLUSÃO

A definição de saúde, como facto psicológico-moral, apresentada por Gadamer, é restritiva e puramente fenomenológica, referindo-se à ética, não lembrando o que se refere ao domínio anátomo-fisiológico.²⁵

A saúde pode situar-se como estado adequado e perfeito do indivíduo ou da comunidade, assegurando-se as melhores condições de desenvolvimento (pessoal ou colectivo). Muitas definições se poderão dar de saúde, mas não esgotam esta realidade, que tanto desejamos e sem ela sentimos a debilidade do viver e as incapacidades de relacionamento psicossocial e laboral. Tudo isto confirma que a saúde se reflecte fenomenologicamente.

O longo caminho percorrido, desde a saúde à doença, situou-nos a “saúde” no segredo ou no recolhimento (*Verborgenheit der Gesundheit*). A “vida” manifesta-se como “mistério” (*Geheimnis*), enquanto que a saúde, ao depender desta, se revela como “enigma”, que as medicinas (profiláctica e etiológica) se encarregam de decifrar. Ela própria, segundo K. Jaspers, médico e antecessor de Gadamer em Heidelberg, é uma “cifra” da vida. A saúde e a doença não são “mistérios”, quando muito são expressões de um grande mistério que se diz ser a vida.

Gadamer, no fim da sua obra *Über die Verborgenheit der Gesundheit*, refere a saúde (*Gesundheit*) como a harmonia entre o meio social e o ambiente, seguindo a linha da *eúcrasia* platónica, deixando de lado a saúde como equilíbrio ou como completo “bem-estar”. Mas Gadamer percebeu que a saúde é uma realidade fenomenológica que se enuncia no plural.

25 COLOMBERO, G., *La mallatia. Una stagio per il coraggio*, Roma, E. Paoline, 1981, 110-113.